

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

**DESENVOLVIMENTO E DESAFIO NA CONSTRUÇÃO DE UMA
ESCOLA DO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO
ESTADUAL DO CAMPO JOSÉ ALVES DOS SANTOS**

**Laranjeiras do Sul
2014**

MARCELE TEREZINHA PEREIRA

**DESENVOLVIMENTO E DESAFIO NA CONSTRUÇÃO DE UMA
ESCOLA DO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO
ESTADUAL DO CAMPO JOSÉ ALVES DOS SANTOS**

Trabalho apresentado como requisito parcial Para obtenção da certificação do Curso de Especialização em Educação do Campo Da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientador professor:
Fernando Cavalcanti Moreira

**Laranjeiras do Sul
2014**

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------|-----------|
| 1 - RESUMO | 4 |
| 2 - ABSTRACT | 4 |
| 3 - INTRODUÇÃO..... | 5 |
| 4 - REFERENCIAL TEÓRICO | 5 |
| 5 - METODOLOGIA | 10 |
| 6 - RESULTADOS | 13 |
| 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 14 |
| 8 - REFERÊNCIAS | 16 |

DESENVOLVIMENTO E DESAFIO NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA DO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO JOSÉ ALVES DOS SANTOS

Marcele Terezinha Pereira

Graduada em Pedagogia
UNICENTRO. 2008.

E-mail: marcelezp@hotmail.com

Fernando Cavalcanti Moreira

Professor Orientador.

RESUMO

O estudo desenvolvido no decorrer deste artigo visa resgatar um pouco da história do Assentamento Ireno Alves dos Santos, a luta de seus sujeitos e a construção de uma educação do Campo no Colégio José Alves dos Santos, sua proposta de educação junto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no sentido de localiza-la no contexto educacional brasileiro, reconhecer e salientar a importância e necessidade de sua contribuição para a construção de uma educação voltada para a emancipação humana.

Mas para que se compreenda melhor a trajetória e a temática educação do/no campo precisa-se das leis, decretos, pareceres, textos oficiais, documentos, produções científicas e produções sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), buscando entender o posicionamento do Estado em relação às práticas educativas dos que trabalham e residem no meio rural brasileiro, assim, precisa-se entender a Educação do Campo a partir do seu contexto.

ABSTRACT

The study developed throughout this article aims to rescue a little of the history of the settlement Rani Alves dos Santos, the struggle of his subjects and the construction of a field education in high school José Alves dos Santos, his proposal of education along with the Landless workers movement (MST), finds her in the Brazilian educational context, recognize and stress the importance and need for his contribution to the construction of an education geared towards the emancipation human.

But in order to be able to better understand the trajectory and the theme of education/in the field needs the laws, decrees, opinions, official texts, documents, scientific productions and productions about the landless workers movement (MST), seeking to understand the positioning of the State in relation to the educational practices of those who work and reside in the Brazilian countryside, thus, need to understand the education Field from its context.

1 – INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo buscar a reflexão acerca da relação entre os Movimentos Sociais, em especial o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a Educação do Campo, na busca por direitos humanos, dignidade e respeito às diferenças sociais, culturais e religiosas, entre outras. Conhecer os princípios políticos e pedagógicos defendido pelas escolas do campo, atreladas aos seus projetos emancipadores de educação e suas bandeiras de lutas é sempre um horizonte a ser alcançado. Um dos principais desafios da educação do campo é a formação política dos sujeitos que fazem parte dessas histórias de luta e de consciência social. Para darmos sentido a um passado comum vivido em ambientes distintos é necessário o envolvimento coletivo em torno do conhecimento histórico.

Ao longo da sua trajetória o MST tem dado à formação um significado que a tem transformado em um espaço que permite aos sujeitos do campo refletir sobre suas ações, sobre as relações sociais, seu meio e si mesmo, sem dissociar os saberes acadêmicos da história da sociedade. No entanto entende-se que a educação deve estar pautada em princípios que respeitem a realidade dos indivíduos, garantindo uma intervenção mais qualificada, consciente e eficiente na sociedade e no meio ambiente.

Um olhar mais profundo sobre formação e educação evidencia que ambas têm como finalidade a emancipação, o desenvolvimento de competências para o exercício da cidadania e a valorização da vida, tanto no campo quanto na cidade, apontando caminhos para a construção de uma sociedade em que a palavra desenvolvimento tenha como significado vida, igualdade, liberdade, respeito, enfim, que seja compreendida como dignidade, são pressupostos imprescindíveis para que as ações educativas e formativas tenham como foco de suas intervenções os sujeitos, seus sentimentos, conflitos, sonhos e desejos.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

Busca-se neste trabalho fazer um resgate histórico, relacionado aos desafios encontrados pelo Colégio Estadual do Campo José Alves dos Santos, situado na Comunidade da Sede localizado no Assentamento Ireno Alves dos Santos, o qual surgiu da luta de centenas de famílias organizadas pelo MST

(Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), seu objetivo era um pedaço de terra e condições de vida digna.

Um povo valente, mas de famílias pobres, que passavam fome, frio e que perderam muitas de suas crianças nesta batalha. Após muitas lutas e pela persistência, as famílias que estavam acampadas conseguiram conquistar suas terras. Com isto surgiu o Assentamento Ireno Alves dos Santos com uma área de 16.800 hectares, com a implementação deste, as famílias foram fixando-se pelos talhões ou lotes. Formaram novas comunidades e escolas, num total de 11 escolas de 1ª a 4ª série, 4 escolas de 5ª a 8ª série e 3 escolas de Ensino Médio, correspondendo a um total de 2.000 crianças atendidas aproximadamente, sendo que na Sede, ou Primeira Conquista, onde está localizado atualmente o Colégio, instalou-se provisoriamente uma escola de 1ª a 4ª série com aproximadamente 250 alunos e em 19 de maio de 1997, foi criada a Escola Rural Estadual José Alves dos Santos – Ensino Fundamental, onde ofertou-se o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série.

O Colégio fica localizado na zona rural do município de Rio Bonito do Iguaçu, com dependência administrativa Estadual, pertencente ao Núcleo Regional de Educação de Laranjeiras do Sul, tendo como Entidade Mantenedora o Governo do Estado do Paraná (SEED). Posteriormente em 2007 a Instituição de Ensino atendendo a grande demanda de alunos conseguiu a implantação do Ensino Médio de forma simultânea,

O Colégio situa-se a 40 km do Núcleo Regional de Educação. Sua finalidade é atender aos filhos dos pequenos agricultores assentados, oportunizando a esses adolescentes e jovens o acesso ao estudo e a educação de qualidade.

O nome do colégio é uma homenagem a um trabalhador pertencente ao MST que morreu em uma emboscada de pistoleiros, onde hoje se situa o Assentamento Ireno Alves dos Santos.

E por educação compartilhamos da concepção teorizada por Saviani (2007) que acredita ser a educação a forma de produzir em cada indivíduo singular a humanidade produzida historicamente pelo conjunto dos homens. O homem não nasce humanizado ele se torna humanizado no convívio e nas relações com os outros e esta relação inclui a escola e a educação sistematizada para a apropriação dos bens materiais e imateriais produzidos por cada geração. Reivindicamos uma educação de classe por entender que no atual modelo de produção da vida há uma

negação do conhecimento à classe trabalhadora, impedindo assim o avanço da luta de classes por falta dos elementos necessários para pensar e compreender a realidade atual.

Construir uma educação do campo significa pensar numa escola sustentada no enriquecimento das experiências de vida, obviamente não em nome de permanência, nem da redução destas experiências, mas em nome de uma reconstrução dos modos de vida, pautada na ética da valorização humana e do respeito à diferença. Uma escola que proporcione aos seus educandos condições de optarem, como cidadãos sobre o lugar onde desejam viver. Isso significa, em última análise inverter a lógica de que apenas se estuda para sair do campo.

Conforme Chiappin (1979, p. 18)

A sorte do homem foi e sempre será, acima de tudo, um privilégio daqueles que lutam, com boa vontade, com generosidade e com perseverança. Nada é tão compensativo e gratificante como o processo consciente de autoformação, rumo à felicidade. Sendo que a felicidade é uma atitude do espírito e um estado da mente frente à existência.

Percebe-se que a concepção de sociedade fundamentada na educação acontece por meio de processos de formação humana e que almeja entender a construção dos sujeitos sociais coletivos com o olhar da teoria pedagógica. Os sujeitos coletivos se formam quando combina formação de pessoas com a construção de sujeitos. Com isso não há sujeitos coletivos de fato, sem que se garanta a formação dos sujeitos humanos.

A educação se coloca para os movimentos sociais no campo, e especificamente para o MST, como um elemento fundamental no complexo desenvolvimento territorial da suas lutas. A educação é entendida também como um processo de formação humana e o MST enquanto movimento social tem seu caráter educativo. Segundo Caldart (1997),

O MST enquanto movimento de luta social e enquanto organização política dos trabalhadores sem-terra é o grande Educador/formador de quem nele participa ou com ele se envolve, devendo, portanto, ser o polo propulsor do despertar da luta em busca de uma nova sociedade (p. 16).

A pedagogia do MST foi construída de acordo com as necessidades de adequação de pedagogias já construídas ao modo de vida dos sem terras, desde o momento acampamento ao momento assentamento.

Fazia-se necessária, portanto, uma escola que acompanhasse esse movimento e uma mobilidade da escola e de educadores a cada ocupação ou qualquer outro momento de luta pela terra, percebendo a transformação do movimento a cada passo dessa ação. Além dessa necessidade de acompanhar o movimento, a escola, para o MST, vai muito além da sala de aula, todo seu processo de formação se dá durante a mobilização política desses trabalhadores, o próprio processo de ocupação e demais processos de luta, tudo isso é considerado como ato educativo (CALDART, 2004).

Lutar por uma educação de qualidade, ligada à organização de classe, é desafiar o poder da dissolução da escola e do sistema educativo, e construir um novo sistema ligado à cultura dos trabalhadores camponeses e de suas comunidades. Esta tomada de consciência por parte dos movimentos sociais no campo brasileiro ocorre diante da realidade educacional presente nas escolas dos assentamentos rurais.

No mês de março de 1996, municípios vizinhos a Rio Bonito do Iguaçu, sediaram dois grandes acampamentos às margens da rodovia BR – 158 entre os municípios de Saudades do Iguaçu e Laranjeiras do Sul. Em abril do mesmo ano estes trabalhadores saíram em caminhada das duas extremidades do latifúndio rumo à ocupação, permanecendo acampados inicialmente no local que ficou conhecido como “Buraco”, localizado em um ponto estratégico às margens da BR – 158, próximo à sede da fazenda (MONTEIRO, 2003),

Sebastião Salgado (MST, 2001, p. 16) relata o fato da seguinte maneira:

Era impressionante a coluna dos Sem Terra formada por mais de 12 mil pessoas, ou seja, três mil famílias, em marcha na noite fria daquele início de inverno, no Paraná. O exército de camponeses avançava em silêncio quase completo. Escutava-se apenas o arfar regular de peitos acostumados a grandes esforços e o ruído surdo dos pés que tocavam o asfalto. Pelo rumo que seguia a corrente, não era difícil imaginar que o destino final fosse a Fazenda Giacometti, um dos imensos latifúndios, tão típicos do Brasil. Marginalmente explorados, esses latifúndios, todavia, em razão das dimensões colossais, garantem aos seus proprietários rendas milionárias. Corretamente utilizados, os 83 mil hectares da Fazenda Giacometti, poderiam proporcionar uma vida digna aos 12 mil seres que marchavam, naquele momento em sua direção. Anda rápido um camponês: vinte e dois quilômetros foram cobertos em

menos de horas, quando chegaram lá, o dia começava a nascer. A madrugada estava envolta em espessa cerração que, pouco a pouco, foi se deslocando da terra sob o efeito da umidade do rio Iguaçu, que corre ali bem próximo, pois o rio de camponeses que correu asfalto noite a dentro, ao desembocar de frente a porteira da fazenda, para e se espalha como as águas de uma barragem. As crianças e as mulheres são logo afastadas para o fundo da represa humana, enquanto os homens tomam posição bem em frente da linha imaginária para um eventual confronto com os jagunços da fazenda. Ante a inexistência de reação por parte do pequeno exercito do latifúndio, os homens da vanguarda arrebetam o cadeado e a porteira se escancara, entra atrás, o rio de camponeses se põem novamente em movimento, foices, enxadas e bandeiras se erguem na avalanche incontida das esperanças nesse reencontro com a vida e o grito reprimido do povo sem terra ecoa uníssono na claridade de um novo dia: “REFORMA AGRÁRIA, UMA LUTA DE TODOS!”.

O Buraco foi a maior aglomeração de pessoas que a história já pode registrar cujo objetivo comum à posse da terra. Conhecido mundialmente como o maior acampamento da America Latina, com mais de três mil famílias equivalente a doze mil pessoas em busca da realização de um sonho comum. (MST, 1999).

Devido ao grande número de pessoas no Buraco, os problemas de higiene, saúde e alimentação cresciam cada vez mais. Por isso os líderes se reuniram e chegaram a um consenso que era hora de agir. Ocupou-se então, o local chamado Portão, onde existia uma guarita com vários pistoleiros que tinham o objetivo de proteger a entrada da fazenda. Neste episódio, mais de cento e cinquenta pessoas tomaram a guarita e prenderam os jagunços, levando-os as autoridades do município vizinho de Laranjeiras do sul (MST, 1999).

Depois da mudança de parte do acampamento para o Portão, os problemas causados pela superpopulação amenizaram, no entanto, não foram resolvidos. Já haviam se passado três meses e as autoridades não se manifestavam. Os líderes se reuniram em assembleia e decidiram ocupar a sede da fazenda, pois estavam passando fome, não conseguiam emprego e não podiam produzir no Buraco, que era uma área de preservação ambiental e com tantas pessoas aglomeradas precisava-se de uma área para plantar e assim garantir o sustento de todo aquele povo que lá padecia (MST, 1999).

O povo ansioso e faminto andou 14 km para dentro da fazenda e todos repetiam o lema: “É NECESSÁRIO PLANTAR”. Na área que estava sendo negociada, cultivou-se milho, feijão e verduras. Organizou-se 83 núcleos de trabalho, numa área ocupada de 2.500 hectares. A estrutura era precária e faltavam

muitas coisas. Ainda tinha muita gente passando necessidades e crianças doentes, sem assistência. A esperança de dias melhores enchia o peito de orgulho e vontade de trabalhar a terra.

Depois de muita luta, quando tudo parecia mais tranquilo pois o sonho da terra estava próximo de concretizar-se no dia 16 de janeiro de 1997, enquanto trabalhavam na área que seria desapropriada, um grupo foi surpreendido por tiros de espingardas, pistolas e fuzis AR – 15, sendo mortos o jovem Vanderlei das Neves e o senhor José Alves dos Santos, acusados de estarem caçando em área proibida, ficando ferido José Ferreira da Silva (38) com um tiro de raspão no olho. Outros trabalhadores que estavam no local conseguiram fugir se embrenhando no meio do mato. (idem, 1999; MONTEIRO, 2003)

Foi necessário que a morte assombrasse pessoas de bem, que uma mãe perdesse seu filho e filhos ficassem sem o pai para que o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) decretasse a Reforma Agrária que o povo tanto clamava.

Vale resaltar que devido ao ocorrido, pela repercussão nacional e internacional, a empresa Giacometti Marodim passa a denominar-se Araupel (MONTEIRO, 2003), desta forma o latifúndio e a exploração permanecem sob o mesmo controle, falseando o seu domínio. Nesta oportunidade, foram desapropriados 16.800 hectares de terras da fazenda Giacometti, pertencentes a um único dono e que passaram a prover o sustendo de mais de 900 famílias.

3 – METODOLOGIA

A pesquisa está sendo desenvolvida no Município de Rio Bonito do Iguçu, no Colégio Estadual do Campo José Alves dos Santos. O critério para a escolha deste Colégio para desenvolver este trabalho foi o fato de ser a primeira escola fundada nesta área de assentamento, resultado da luta de um povo pelo direito a educação, ao trabalho e a uma vida digna.

Nesta tipologia, a condição de participação não se dá somente como meio de conhecer melhor a realidade estudada, mas como um compromisso com esta realidade, com suas necessidades e demandas apresentadas, pois se acredita que esses processos apresentam uma complexidade que merece ser analisada no contexto da Educação do Campo.

Sendo assim, serão utilizadas entrevistas com pessoas que fazem parte do movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (MST) e as quais fizeram parte deste processo de luta em favor do Assentamento, levantamento de dados junto aos gestores escolares, professores e comunidade, adentrando o universo do campo, pesquisa bibliográfica no acervo do próprio Colégio que possui um riquíssimo acervo de fotos, registros e documentos que revela a determinação de um povo em busca de seus ideais.

Nesta perspectiva, o caminho inicial escolhido para essa pesquisa é o da observação, análise de documentos, PPPs antigos, livros e registros encontrados no Colégio, entrevistas informal com pessoas que viveram esse momento de acampamento até se formar o assentamento, entre elas destaco três mulheres, Irene, Jandira e Marlis, mulheres fortes determinadas e corajosas que enfrentaram muitas dificuldades, privações, mas hoje estão trabalhando neste Colégio concursadas, se dispuseram a contar a trajetória vivida no buraco e as dificuldades encontradas no início do Assentamento.

A esposa do José Alves dos Santos que colaborou contando sua versão da história, as dificuldades que enfrentou após sua morte com cinco filhos menores, passando fome, morando em um barraco de lona, enfrentando a doença (depressão) e todo tipo de miséria, relatou que trocou o terreno que ganhou aqui por um em Saudade do Iguaçu, onde conseguiu restaurar a saúde e criar os filhos, porém nem um dos cinco filhos conseguiu terminar o Ensino fundamental.

Analisa-se o contexto socioeconômico do país verifica-se que vivemos em uma sociedade moldada nos parâmetros do capitalismo, excludente e dividida por classes que infelizmente visa o individualismo. O que se constata é que a escola dentro desse sistema funciona como perpetuadora deste modelo, onde os alunos, geralmente, acabam se adequando e reproduzindo atitudes capitalistas, ou muitas vezes são excluídos. Procura-se desenvolver neste colégio um trabalho diferenciado, onde o mesmo não seja excludente e não dê ênfase ao individualismo, mas sim ao cooperativismo.

Constata-se que a sociedade atual valoriza extremamente a cultura urbana, o que incentiva os alunos a deixarem o campo, acreditando que nas grandes cidades encontrarão melhores condições de vida, o que proporciona um grande êxodo rural e inchaço das periferias (favelas).

Em consequência desses inchaços nas cidades houve uma retroação, ou seja, as mesmas pessoas que deixaram o campo e migraram para os centros urbanos, diante das dificuldades encontradas, fizeram o caminho de volta, o que é facilmente observado em nossa região, pois o grande contingente de pessoas que fez parte do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), são as mesmas que venderam suas terras, ou perderam no pagamento de dívidas e acabaram novamente voltando para o campo em busca de um pedaço de chão que lhes proporcionassem uma vida digna.

O Colégio Estadual do Campo José Alves dos Santos é o retrato legítimo desta situação, pois surgiu da luta de 3.048 famílias vindas de vários municípios da região sudoeste, centro-oeste e noroeste do Paraná juntamente com centenas de famílias brasiguaias (vindas do Paraguai), que vieram para este local organizadas pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Seu objetivo era um pedaço de terra da fazenda Araupel ou Giacomet, localizada em vários municípios da região Centro-Oeste, entre eles, Rio Bonito do Iguaçu.

Essas famílias eram arrendatárias, boias-frias, favelados ou assalariados, pessoas pobres, muitas vezes que não chegavam a receber um salário mínimo, ou tendo mal o que comer.

Pela persistência e lutas pela terra conseguiram vencer e foram assentados nesta terra, onde cada família recebeu de 5 a 7 alqueires de terra. No entanto, atualmente muitos dos que moram no assentamento compraram suas terras e não são os mesmos que participaram da luta por um pedaço de chão.

Dentro do contexto apresentado, temos inserido o Colégio Estadual do Campo José Alves dos Santos, que almejando uma educação libertadora e democrática baseada na concepção histórico crítica dos conteúdos, reformula coletivamente, com a participação de toda a comunidade escolar, seu Projeto Político Pedagógico.

O objetivo primordial do Colégio é o aprender e a participação crítica e o espírito de coletividade que se desenvolverá através do esforço comunitário de todos os setores do colégio juntamente com o Conselho Escolar, a APMF, e demais voluntários participantes da comunidade. Na forma de reuniões com pais para informações sobre o desenvolvimento cognitivo de seus filhos e para apresentar sugestões para melhoria do ensino.

O Colégio enfatiza a importância da participação da família e da comunidade em geral em todas as decisões, mesmo porque a gestão democrática prevê esta participação que se dá através da organização de reuniões trimestrais ou quando se faz necessário, onde são discutidos assuntos referentes à administração, e, sobretudo é tratado sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, acredita-se que a educação desempenha um papel estratégico num processo de transformação social, por isso o processo pedagógico assumido pelo Colégio precisa assumir-se também como político, construindo uma educação que desenvolva a consciência de classe trabalhadora, onde educadores e educandos assumam suas trajetórias de vida e através delas resgatem a possibilidade de fortalecer a transformação social, próxima e distante. Nesta perspectiva faz-se necessário a seleção de conteúdos, métodos, proposta que abram este caminho, nesse novo horizonte.

O registro de lutas e conquistas de nossos educandos, sempre foi uma das maiores preocupações do nosso Colégio, objetivando preservar a identidade do povo Sem Terra, suas lutas e suas conquistas, assim como outras escolas deste assentamento procuram manter viva sua origem, deixando para futuras gerações livros, relatos e documentos que marcaram a história deste Assentamento. A luta, a esperança e conquistas dos acampados foram registradas para valorizar o surgimento destas escolas, pois este povo preocupa-se não somente em ter uma terra para sua sobrevivência, mas sobretudo com a educação própria, de seus filhos e gerações futuras, porém não uma educação voltada para a camada dominante, mas um projeto de educação no qual todos são iguais e valorizados como pessoa e sujeitos do campo, com uma história de vida e maneira autêntica de produzir conhecimento e cultura.

4 – RESULTADOS

Ao analisar as terminologias educar e ensinar pode-se perceber a diferença entre elas. A educação é um processo resultante das interações sociais e por meio dela o homem se torna capaz de projetar sua própria vida e a sociedade.

Partindo deste pressuposto pode-se perceber como as diferentes civilizações utilizando-se do ensino, processo inerente à educação, exercem poder e

soberania criando classes sociais, excluindo e privando o homem do direito ao conhecimento.

Como este Colégio está inserido no campo e tem a preocupação de fazer uma educação *no e do campo* procurando valorizar o modo e a qualidade de vida dos agricultores, sua cultura, seus costumes e seus saberes.

Compreende-se que a educação, sozinha, não resolve os problemas do povo, mas é um elemento fundamental nos processos de transformação social, pensando nisso o Colégio busca parcerias com a prefeitura e empresas para diversificar suas aulas e oportunizar aos alunos conhecer lugares diversos, estudar sobre o meio ambiente, fauna, flora e a biodiversidade, isso foi possível graças à cortesia dada aos alunos nos ingressos, nas viagens a Foz do Iguaçu, Cataratas do Iguaçu, Parque das Aves e Itaipu, bem como ao Parque Nacional de Vila Velha em Ponta Grossa.

Contamos também com trabalho voluntário do professor Cleberson Gonçalves que há dois anos consecutivos desenvolve um projeto de danças tradicionais, procurando valorizar a cultura local por meio da dança.

Defendemos uma pedagogia que se preocupe com todas as dimensões da pessoa humana e que crie um ambiente educativo baseado na ação e na participação democrática, na dimensão educativa do trabalho, da cultura e da história deste povo. Acredita-se numa escola que desperte os sonhos de nossa juventude, cultive a solidariedade, a esperança, o desejo de aprender e ensinar sempre e de lutar para melhorar o meio em que se vive, buscando assim uma sociedade mais justa e mais humana.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar a partir de nosso colégio, que a educação no campo surge como um processo educacional compreendido a partir dos sujeitos que tem o campo como seu espaço de vida. Nesse sentido, ela é uma educação que deve ser *no e do campo* – No, porque o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive; Do, pois o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (CALDART, 2002, p.26).

Garantir um processo formativo que interage continuamente com a realidade em que os educandos vivem aproximá-los e aprofundar temáticas relacionadas à vida cotidiana, aos anseios dos jovens, das crianças e dos adultos, construir novas referências de sociedade, de ambiente, de natureza, da relação das pessoas com o espaço social é um dos grandes desafios da educação no momento, especialmente da Educação do campo, pois faz-se necessário desconstruir culturas, valores e paradigmas que orientam secularmente as relações entre os sujeitos e com a natureza, as formas de lidar com o conhecimento. Mudanças sociais que possam garantir uma transformação social, que lhes possibilitem melhores condições de vida, que resignifiquem a estima e identidade dos povos do campo.

Ao se fazer educação do campo, a cultura precisa ter lugar de destaque, se pensada como um mapa, um código e teias, por meio dos quais as pessoas de um determinado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos, essa pode e deve proporcionar as escolas do campo um processo de construção de uma identidade, tão necessária para o desenvolvimento de currículos e projetos educativos que se empreguem a realidade camponesa.

Os envolvidos nestas histórias souberam lutar com boa vontade e generosidade. Foram perseverantes e por isso tiveram a gratificante compensação de conquistar sua autonomia e a felicidade de hoje estarem nesta escola.

Resgatar e registrar esta história que marca o Colégio Estadual do Campo José Alves dos Santos, é trazer presente um passado de lutas e conquistas de muitos sujeitos que acreditam na possibilidade de uma educação emancipadora e tornar o passado presente, garantindo no futuro a preservação das raízes desta história.

Salientamos que esta pesquisa é um projeto individual e que alguns dos resultados pretendidos com este trabalho é mostrar a importância de cada pessoa que teve participação ativa nesta conquista, pela terra, pela qualidade de vida e principalmente pela educação.

6 – REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A escola e o movimento social: relativizando a escola.** ANDE, n. 12, p. 16-21, 1989.

ARROYO, M. G. FERNANDES, B. M. **A educação básica e o movimento social do campo.** Coleção Por uma Educação Básica do Campo, Brasília, DF, 1999, disponível em:
<http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/944.pdf>

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL, O Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da República.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma Educação do Campo:** traços de uma identidade em construção. In: Educação do campo: identidade e políticas públicas – Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação Do Campo”, 2002.

CALDART, Roseli. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra.** 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salete. *Sem terra com poesia.* Petrópolis: Vozes, 1987.

ESCOLA EM MOVIMENTO – A Conquista dos Assentamentos - Colégio Estadual Iraci Salete Strozak - Editora Progressiva Ltda – 2007

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALERA, Inês. **RIO BONITO DO IGUAÇU: UM RIO DE HISTÓRIAS.** Editora Xagu. 126 p. Rio Bonito do Iguaçu PR. 2009.

<http://terradedireitos.org.br/biblioteca/acusados-de-matar-trabalhadores-do-mst-em-1997>

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1078064>
Acesso em 25/03/2014.

Parecer CNE/CEB 23/2007 – Assunto: Consulta referente às orientações para o atendimento da Educação do Campo. Relator: Murilo Avellar Hingel. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

Parecer CNE/CEB 3/2008 – Assunto: Reexame do Parecer CNE/CEB 23/2007 – que trata da consulta referente às orientações para o atendimento da educação do campo. Relator: Murilo Avellar Hingel. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

Resolução CNE/CEB, 1º. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

Resolução CNE/CEB 2: Diretrizes Complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília: Ministério da Educação, 2008 a.

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO – PPP – Colégio Estadual do Campo José Alves dos Santos – Acesso site do Colégio:

<http://www.rbnjosealvesantos.seed.pr.gov.br/modules/noticias>